

Cobertura do conflito entre brasileiros e camponeses no Paraguai na Folha de S.Paulo¹

Luciana Pelaes ROSSETTO²
Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Resumo

O conflito agrário na região de fronteira do Paraguai com o Brasil tem origens históricas, mas as disputas se tornaram ainda mais acirradas nos últimos anos, tanto que um embate entre camponeses e policiais detonou a crise política que culminou com o afastamento do presidente Fernando Lugo. Neste trabalho, a proposta é verificar como foi a cobertura do jornal Folha de S.Paulo sobre o assunto, com a intenção de identificar se os textos consideram a complexidade das relações na fronteira ou reproduzem um viés maniqueísta que não contextualiza os fatos.

Palavras-chave: complexidade; compreensão; comunicação; jornalismo; Paraguai.

Introdução

Quando assumiu a presidência do Paraguai em 2008, Fernando Lugo tirou do poder o Partido Colorado, que ocupava o posto mais alto do governo havia 60 anos. Porém, Lugo não conseguiu permanecer no cargo por já não possuir mais apoio das alianças no Senado e Câmara. Em 22 de junho de 2012, ele foi destituído do poder após um processo considerado “relâmpago” – apesar de previsto na Constituição do país. Com a saída de Lugo, o vice-presidente Federico Franco assumiu o governo no mesmo dia, onde permaneceu até 15 de agosto de 2013, quando entregou o cargo ao empresário Horário Cartes.

Entre as principais metas de campanha de Lugo estava a reforma agrária, pois o Paraguai vive – ainda hoje – uma relação extremamente conflituosa entre camponeses e grandes fazendeiros produtores de grãos. As melhores terras para a agricultura estão na região de fronteira com o Paraná, nos departamentos de Canindeyú, Alto Paraná e Itapua, onde é maciça a presença de “brasiguaios” – agricultores brasileiros que possuem terras no país vizinho. Ali, é comum ocorrerem ocupações de propriedades por associações de camponeses sem-terra, que disputam a posse das terras com os fazendeiros.

E foi um confronto entre policiais e camponeses na fazenda do empresário paraguaio Blas Riquelme que detonou a crise política paraguaia: o resultado foram mortes de ambos os lados e as acusações de que Lugo trabalhava para facilitar invasões de terra na fronteira,

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 17 a 19 de junho de 2016.

² Doutoranda em Integração da América Latina - PROLAM/USP, email: lucianarossetto@usp.br

violando direitos de propriedade. No Libelo Acusatório analisado por Câmara e Senado, o então presidente foi responsabilizado pelas mortes e acusado de mau desempenho das funções, o que teria gerado instabilidade política e luta de classes, entre outras acusações.

De fato, como ex-bispo da igreja católica, Lugo sempre teve contato com lideranças camponesas e dialogava com os grupos que lutavam pelo direito à terra. No entanto, Lugo pouco conseguiu fazer para resolver os conflitos, que têm origem histórica no país.

Apesar de não haver envolvimento de brasileiros no confronto que gerou o impeachment, o primeiro semestre de 2012 foi marcado por problemas entre camponeses e brasiguaios. Nessas regiões, quase todos os grandes produtores de soja são imigrantes brasileiros, que se estabeleceram no país a partir da década de 1970. Os camponeses alegam que os produtores rurais não possuem títulos legítimos de propriedade ou estes foram conseguidos através de corrupção, enquanto os brasileiros afirmam que compraram as terras honestamente no governo do ditador Alfredo Stroessner e possuem todos os documentos.

Meses antes da queda de Lugo, no início de 2012, a situação no campo já era bastante preocupante. Em fevereiro de 2012, a situação ficou tão tensa, que a disputa ganhou as páginas dos jornais brasileiros. As notícias sobre a ocupação de terras de brasiguaios foram publicadas como um fato inédito. Porém, eram só mais um capítulo de um embate histórico.

Neste trabalho, a proposta é estudar a cobertura do conflito agrário no Paraguai pelo jornal Folha de S.Paulo nos meses de janeiro e fevereiro, a partir de questionamentos propostos por Edgar Morin, Muniz Sodré e Eliseo Verón. O jornal foi escolhido por se tratar do impresso com a maior tiragem do país, com média de 320 mil exemplares impressos por dia, e possuir circulação em todo o território nacional.

Questão Agrária

Mesmo sendo pequeno, com superfície de 406.575 quilômetros quadrados, o Paraguai é o quarto maior país exportador de soja do mundo. Na safra 2015/2016, ficou atrás somente de Brasil, Estados Unidos e Argentina com 4,60 milhões de toneladas exportadas, segundo levantamento³ do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos. O número é expressivo, especialmente quando levado em conta o tamanho do território paraguaio.

³ UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Foreign Agricultural Service. April 2016. Oilseeds: World Markets and Trade. Disponível em <<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/oilseeds.pdf>> Acesso em 30 abr. 2016.

A ocupação do campo por produtores rurais provoca a expulsão das comunidades camponesas para as cidades, onde se concentram em periferias e enfrentam o desemprego por conta da falta de qualificação. O modelo de produção e a forma como as terras estão ocupadas somente reforça o problema da desigualdade e da distribuição de riqueza no Paraguai.

Um relatório da Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos de 2014 comprova essa diferença na distribuição de renda⁴. De acordo com o levantamento, a população paraguaia tem cerca de 6,78 milhão de pessoas. Os dados indicam que o número de pessoas em situação de pobreza é de cerca de 1,53 milhão de pessoas, o que equivale a 22,6% do total dos habitantes. Na área rural, a pobreza afeta 32% da população, enquanto na área urbana, 16,2% dos habitantes.

Já a situação de extrema pobreza afeta a 710 mil pessoas no país, com maior proporção na área rural (19,2%) do que na área urbana (4,6%). Ainda segundo o relatório, os 10% mais ricos da população do país concentram 41,3% da renda, e os 10% mais pobres, somam 1,3% da renda.

Alcaraz (2009, p. 177) explica que a situação da pobreza na zona rural também se deve à dificuldade que os camponeses têm de permanecer nos lotes doados pelo governo em eventuais programas de reforma agrária. O autor (2009, p. 178) ressalta que é mais fácil obter alimentos no campo, mas a população não tem acesso a outros serviços públicos. Sem apoio técnico, financeiro e até de instrução, os camponeses revendem ou arrendam as propriedades a grandes produtores, deixando o interior para tentar sobreviver nos centros urbanos.

No Brasil, pela Lei número 6.634⁵, de 2 de maio de 1979, estrangeiros são proibidos de adquirir terras em uma distância inferior a 150 quilômetros da fronteira. Já no Paraguai, apesar de existir a lei 2.532⁶, que limita a compra de terras por estrangeiros a uma distância mínima superior a 50 quilômetros da fronteira, a determinação não é posta em prática.

⁴ PARAGUAY. Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. Principales Resultados de Pobreza y Distribución del Ingreso. Disponível em <http://www.dgeec.gov.py/register/bases%20EPH2014/Boletin_de_pobreza_2014.pdf>. Acesso em 26 abr. 2016

⁵ BRASIL. LEI Nº 6.634: Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei nº 1.135, de 3 de dezembro de 1970, e dá outras providências. Brasília, 2 mai. 1979.

⁶ PARAGUAY. LEY Nº 2532: que establece la zona de seguridad fronteriza de la Republica del Paraguay. Poder Legislativo. Asunción. 9 dez. 2004.

De acordo com um levantamento realizado em 2014 pelo Ministério de Relações Exteriores do Brasil, 349.842 brasileiros viviam em todo o Paraguai naquele ano⁷. Para Laino (1979, p. 230), a atividade brasileira na fronteira significa a perda da soberania paraguaia e a exploração excessiva de recursos naturais.

No início da colonização, o extrativismo descontrolado causou desequilíbrio ecológico e a destruição de grande parte das matas do país. Laino (1979, p. 230) ainda observa que a “produção na fronteira está integrada à economia brasileira e não atende às necessidades do Paraguai. Contudo, o regime paraguaio apoia as empresas e os colonos brasileiros”.

O Brasil não apenas se estende “moralmente” sobre o território paraguaio. Avança também materialmente, fisicamente, em ações concretas de domínio, exercidas através da propriedade de terras, da incorporação de empresas, da canalização de produtos e recursos para seu mercado interno, etc. E diante desta realidade, o regime paraguaio apresenta uma política de fronteiras que recua e cede terreno, cedendo também a soberania nacional (LAINO, 1979, p. 164).

É importante ressaltar que os fazendeiros brasileiros possuem um discurso que legitima suas práticas e direcionam a opinião pública. Para entender a questão agrária e tentar resolver o problema, seria necessário que autoridades paraguaias ignorassem o discurso dominante e pensassem em medidas eficazes para manter o desenvolvimento enquanto buscam alternativas para melhorar as condições de vida do povo.

Paraguai no Jornal

Para entendermos como foi a cobertura da crise política paraguaia, foi levantado o material publicado sobre o assunto no jornal Folha de S.Paulo nos meses de janeiro e fevereiro de 2012.

De 1º de janeiro a 1º de março de 2012, o jornal publicou 11 textos sobre a questão agrária no Paraguai envolvendo campesinos e brasiguaios. Cada informação publicada foi classificada como “notícia” ou “reportagem”. Houve ainda 2 chamadas para reportagem online, que não foram incluídas nesta pesquisa. Abaixo, um quadro mostra o que foi publicado no período:

⁷ BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. Tabela de Estimativas de Brasileiros no Mundo 2014. Disponível em: <<http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf>>. Acesso em 28 abr. 2016.

DATA	TÍTULO	TIPO
27/01/2012	Sem-terra do Paraguai ameaçam brasileiros	notícia
31/01/2012	Sem-terra no Paraguai reúnem-se para retomar áreas de brasileiros	reportagem
01/02/2012	Terra sem lei	reportagem
01/02/2012	Planalto intervém para pedir segurança de brasileiros	notícia
03/02/2012	Sem-terra paraguaios ameaçam invasão hoje	reportagem
05/02/2012	Brasileiro faz fortuna e má-fama no Paraguai	entrevista
05/02/2012	Sem-terra esperam benção do presidente	reportagem
07/02/2012	Lugo rejeita "justiça pelas próprias mãos" em conflito	notícia
08/02/2012	Novo presidente do Supremo paraguaio defende brasiguaios	chamada para o site
09/02/2012	Sem-terra se afastam de áreas de brasileiros	notícia
16/02/2012	Brasiguai' rei da soja é declarado persona non-grata no Paraguai	chamada para o site
18/02/2012	Missão de Senadores vai ao Paraguai para defender brasileiros	notícia
20/02/2012	Sem-terra do Paraguai divergem sobre ação contra brasileiros	notícia

Para entendermos a diferenciação de notícia e reportagem, recorreremos a uma definição de Muniz Sodré (2009, p. 70). Ele diz que notícia é o texto que reconstrói o acontecimento através da apuração dos dados, informações, entrevistas, redação e edição do texto:

Assim, *notícia*, a anglo-saxônica *news of the day*, constitui-se como o relato (micronarrativo) de um acontecimento factual, ou seja, inscrito na realidade histórica e, logo, suscetível de comprovação. Como este conceito tem alguma elasticidade e pode ser aplicado a relatos de maior amplitude, não necessariamente coincidentes com o que se costuma praticar nas redações de jornais, convém precisar que essa *news of the day* se entende como uma *notícia factual*. (SODRÉ, 2009; 70-71, grifos do autor)

Conforme Sodré e Ferrari (1986, p. 15), as principais características de uma reportagem são: predominância da forma narrativa, humanização do relato, texto de natureza impressionista, objetividade dos fatos narrados. Os autores (1986, p. 18) explicam que a reportagem é uma extensão da notícia e, por não possuir o caráter imediato, detalha e contextualiza aquilo que já foi anunciado pela notícia.

Conforme o assunto ou o objeto em torno do qual gira a reportagem, algumas dessas características poderão aparecer com maior destaque. Mas será sempre necessário que a narrativa (ainda que de forma variada) esteja presente numa reportagem. Ou não será reportagem. (SODRÉ e FERRARI, 1986, p. 15)

O título do texto jornalístico, conforme a noção de Verón (1974, p.18) possui pelo menos duas dimensões fundamentais: a metalinguística (o nome) - uma vez que sempre

qualifica e apresenta um discurso onde é desenvolvida sua continuação; e a referencial (o algo), sempre direciona o relato de um acontecimento, dirige um enquadramento, especialmente nos textos informativos. Em outras palavras, o autor explica que o título traz, frequentemente, o núcleo do tipo de tratamento que a informação vai receber no texto. Esta relação entre o enquadramento e o próprio texto está relacionada com as operações semânticas implícitas em todo o discurso. Com base em Verón, no presente estudo, os títulos dos textos publicados pela Folha claramente direcionam a opinião e dão o tom do discurso que se segue: maniqueísta, com sem-terra do Paraguai sempre agindo para ameaçar não só as terras, mas a própria integridade física dos fazendeiros brasileiros.

Apesar de conflitos fazerem parte do cotidiano na região de fronteira do lado paraguaio, só no dia 27 de janeiro de 2012 a Folha de S.Paulo publicou o primeiro texto do ano sobre os conflitos. Com o título “Sem-terra do Paraguai ameaçam brasileiros”, assinado de Brasília, o texto diz que o movimento sem-terra paraguaio ameaçava invadir a propriedade de brasileiros na região de fronteira. O texto não especifica qual grupo campestre está envolvido nas ameaças de invasão nem a localização do conflito, sendo que há três departamentos paraguaios que fazem fronteira com o Brasil e pelo menos cinco grandes movimentos de luta pela terra.

A notícia traz ainda uma aspa atribuída a líderes camponeses – sem especificar quais – sobre “derramamento de sangue” e afirma que diplomatas brasileiros – sem identificar nenhum – classificam esse como “um dos momentos mais tensos da relação com o Paraguai e pode exigir uma intervenção da presidente Dilma Rousseff”.

A aspa sobre “sangue” não é atribuída a nenhuma pessoa específica. E pressupõe que a presidente do Brasil pode intervir em outro país em defesa de interesses privados. A notícia atribui a crise a uma tentativa do governo paraguaio de fazer cumprir uma lei de segurança nacional que restringe a posse de propriedades por estrangeiros a uma distância mínima de 50 quilômetros da fronteira. Porém, não informa se a área em disputa está dentro da faixa de segurança.

O segundo texto, datado de 31 de janeiro, “Sem-terra no Paraguai reúnem-se para retomar áreas de brasileiros”, foi assinado de Ciudad Del Este. Trata-se de uma reportagem que tenta traçar o perfil dos campestres e traz o dado de que 15 mil famílias estariam na região prontas para retomar as terras hoje em poder dos brasileiros. Em duas das três frases atribuídas aos agricultores, eles dizem que são os donos das terras e as querem de volta. Os brasileiros fazendeiros não foram identificados nem ouvidos, mas há o dado de que estão na

região de Ñacunday, município perto da fronteira com a Argentina, e a área em disputa é de 260 mil hectares de terra, sem definir quantas fazendas ocupam essa área, se são produtivas ou não, e nem mesmo se esse total está na região desta cidade.

O texto não contextualiza as origens históricas e a complexidade da questão agrária no Paraguai, o que produz para o leitor uma visão limitada e pouco informativa. Essa disputa não pode ser vista isoladamente, pois é apenas um viés de um problema muito mais profundo, que para ser compreendido deve ter as causas relacionadas com questões econômicas, políticas e sociológicas. Se o problema é fragmentado sem que seja observada sua multidimensionalidade, as possibilidades de compreensão e de reflexão são mínimas. E quanto maior a crise, maior a dificuldade de pensar o problema.

O terceiro texto trata-se de uma reportagem que tem o título "Terra Sem Lei", publicada em 1º de fevereiro e assinada de Ciudad del Este. A fala do representante dos interesses brasileiros é que conduz a matéria. O texto afirma que o Paraguai está dividido entre os produtores rurais brasiguaios e os sem-terra base de apoio de Lugo. Cita que os produtores foram os responsáveis por "espetaculares 15% de crescimento econômico do Paraguai" ao ano e como os paraguaios são contra o "trator da economia". O texto admite que produtores obtiveram de forma duvidosa as terras no período da ditadura Stroessner, mas sem explicar como foi o processo. Ao contrário da reportagem anterior, neste texto, a área envolvida na disputa diminuiu para 167 mil hectares. A foto que ilustra a reportagem mostra um grupo pequeno campesinos, no acampamento de terra batida em frente a uma fazenda de brasileiros, protegendo a cabeça com bonés e trapos de pano e, nas mãos, a cuia para o 'tereré'.

O título "Terra Sem Lei" já colabora para reforçar uma imagem estereotipada que o brasileiro possui do Paraguai: lugar de bandidos, falsificadores, contrabandistas e traficantes. Igualmente, a imagem da cuia do "tereré" reforça o estereótipo de que os paraguaios burlam o trabalho enquanto fazem pausas para consumir a bebida e, agora, querem se aproveitar para dominar a fazenda construída pelo trabalhador brasileiro.

Walter Lippmann (1972, p.149) diz que as pessoas constroem representações da realidade através de fatores internos, como a imaginação e a cultura, e externos, como narrativas de outras pessoas. Assim, nossas opiniões sobre determinados assuntos incluem não apenas o que observamos e imaginamos, mas também do relato de outros:

Na maior parte das vezes, não vemos primeiro para depois definir, mas primeiro definimos e depois vemos. Na grande confusão florida e zunzunante do mundo exterior colhemos o que nossa cultura já definiu para nós, e tendemos a perceber o

que colhemos na forma estereotipada, para nós, pela nossa cultura. (LIPPMANN, 1972, p. 151)

A mídia exerce um papel importante na construção desses estereótipos, pois mesmo nos cantos mais remotos, todos têm certo grau de articulação com os meios de comunicação. Ao ler no jornal que o Paraguai é uma “Terra Sem Lei”, essa é a impressão que fica para os leitores que nunca estiveram no país e adquirem seus conhecimentos sobre o assunto através do veículo de comunicação.

Lippmann (1972, p.153) alerta também que devemos analisar as informações que recebemos levando em conta as mentes que as filtraram. Os estereótipos, as versões padronizadas e mais comuns são obstáculos no trajeto da informação para a consciência. Porém, dificilmente o leitor de um jornal, que está receptivo a receber o conteúdo daquele veículo, vai procurar outras fontes de informação antes de tirar conclusões sobre o Paraguai e o conflito agrário da região.

Verón (2004, p.44) faz uma distinção entre as noções de “ideologia”, mais ampla e com formulação histórica em sua designação, e de “ideológico”, preferindo este conceito para classificar uma “dimensão da análise do funcionamento social”.

Dicho de otro modo, ideológico es el nombre del sistema de relaciones entre un discurso y sus condiciones (sociales) de producción. El análisis ideológico es el estudio de las huellas que las condiciones de producción de un discurso han dejado en la superficie discursiva. (VERON, 2004, p.44)

Verón (2004, p.45) reforça que o “ideológico” é uma dimensão presente em todas as partes e se manifesta em qualquer nível da comunicação, o que não significa, porém, dizer que tudo é ideológico. Não está relacionado também com as noções de verdadeiro ou falso, omissão ou deformação da realidade. Não existem discursos produzidos fora de condições sociais, econômicas e políticas pré-determinadas, portanto assumimos que nenhum discurso, por mais bem intencionado que seja o emissor, faz uma reprodução exata do real, no que Verón (2004, p. 45) é categórico: “Semejante discurso, libre de toda restricción que pudiera márcalo, en su etapa de producción, nunca ha existido”.

No final da mesma página da reportagem “Terra Sem Lei” existe a notícia “Planalto intervém para pedir segurança de brasileiros”, assinada de São Paulo. Afirma que o Palácio do Planalto pediu proteção aos brasileiros para as autoridades paraguaias e que elas conduzam a negociação para garantir a “integridade física e patrimonial dos brasileiros”. O Brasil teria recebido a garantia da atuação do governo paraguaio no caso. O texto deixa, portanto, implícito que não somente as propriedades, mas a vida dos brasileiros está

ameaçada. E por tratar-se de uma “Terra Sem Lei”, o governo federal teve de intervir no assunto.

O texto assinado de Ciudad Del Este, publicado em 3 de fevereiro, “Sem-terra paraguaios ameaçam invasão hoje”, diz que o grupo ameaça invadir a fazenda do brasileiro Tranquilo Fávero, um dos maiores proprietários de terra do Paraguai. Não há a fonte que passou a informação. Em compensação, traz o comissário de polícia dizendo que vai garantir a propriedade privada e o advogado do brasileiro afirmando que os títulos de propriedade são legítimos. Diz ainda que o principal líder dos sem-terra pediu ao governo que a fazenda seja desapropriada e dividida em lotes para as famílias de agricultores.

A reportagem traz números diferentes da quantidade de pessoas que estão no local, 15 mil segundo as lideranças camponesas e 700 pessoas de acordo com a polícia. O número diminuiu em relação à primeira notícia, quando foi divulgado que 15 mil famílias estavam no local. O tamanho das terras em disputa voltou a ser de 260 mil hectares. É um texto bem alarmista. A afirmação sobre a invasão “hoje” não é atribuída a fontes e não há continuidade nos expedientes seguintes: a fazenda não foi invadida, e a ameaça não se concretizou.

Morin (2000, p. 20) ressalta que não existe conhecimento que não esteja ameaçado pelo risco do erro ou da ilusão em qualquer transmissão de informação ou comunicação de mensagem, porque as pessoas constroem suas percepções baseadas no que os sentidos captam do mundo exterior. No caso da reportagem da Folha, a certeza da invasão provou ser um erro de avaliação do jornalista. Porém, tal afirmação feita em um jornal com tamanho prestígio foi superficial e não contribuiu para uma reflexão sobre a complexidade do problema.

Este conhecimento, ao mesmo tempo tradução e reconstrução, comporta a interpretação, o que introduz o risco do erro na subjetividade do conhecedor, de sua visão do mundo e de seus princípios de conhecimento. Daí os numerosos erros de concepção e de ideias que sobrevêm a despeito de nossos controles racionais. A projeção de nossos desejos ou de nossos medos e as perturbações mentais trazidas por nossas emoções multiplicam os riscos de erro. (MORIN, 2000, p. 20)

No dia 5 de fevereiro, a Folha de S.Paulo publicou a entrevista com o próprio Tranquilo Favero. Sob o título “Brasileiro faz fortuna e má-fama no Paraguai”, a entrevista feita em Assunção traz Favero chamando os camponeses de delinquentes, elogiando o governo Stroessner e afirmando que não adianta tratar sem-terra com diplomacia. Relata também como Favero “descobriu” o Paraguai há mais de 40 anos, quando vendeu terras no

Paraná para comprar outras muito produtivas e mais baratas no Paraguai. O brasileiro reclama dos campesinos que usam um sistema obsoleto na agricultura, enquanto ele usa métodos competitivos. A inexistência de incentivo para a produção dos campesinos, que não possuem crédito para compra de maquinário e sementes, não é citada. Fica a sensação de que os campesinos não são ricos apenas porque não têm vontade de produzir competitivamente.

A entrevista deu voz ao principal representante dos fazendeiros no Paraguai, retratando-o como alguém capaz de enxergar a oportunidade e progredir. Nenhum campesino teve espaço semelhante nos textos analisados, o que mostra a falta de compreensão da complexidade não só do problema agrário, mas também da relação dos atores sociais e de toda a história da questão da terra no país. O sucesso de Favero é transformado em modelo a ser seguido não só pelos outros brasileiros, mas também pelos campesinos, considerados errados por praticar uma agricultura de subsistência nesse mundo capitalista. Porém, a atual situação socioeconômica da região de fronteira não comporta mais as oportunidades encontradas há 40 anos, tampouco o modelo de agricultura campesina baseada principalmente na subsistência e na produção em pequena escala.

Na mesma página em que foi publicada a entrevista, existe outra reportagem “Sem-terra esperam bênção do presidente”, assinada de Ñacunday. O texto diz que movimentos sem-terra acusam Favero de usurpar a terra dos paraguaios e não possuir títulos. Enquanto os líderes do movimento tentavam incitar o povo à mobilização, os camponeses estariam preferindo esperar por uma definição do governo sobre a desapropriação da terra.

No dia 7 de fevereiro, a notícia “Lugo rejeita ‘justiça pelas próprias mãos’ em conflito” traz um resumo do pronunciamento feito no dia anterior pelo então presidente paraguaio. O texto ressalta que o Poder Judiciário é que vai decidir as questões envolvendo as propriedades na região de fronteira, não o Poder Executivo, e que não serão tomadas atitudes que enfraqueçam o estado de Direito. Cabe ao leitor pensar sobre o papel da Justiça em uma “terra sem lei”, como dito dias antes.

No dia seguinte, há uma chamada na página da editoria Mundo que pede aos leitores para acessar o site da Folha e ler a notícia (de agência) “Novo presidente do Supremo paraguaio defende colonos brasileiros”. Nada foi publicado no impresso.

Outra notícia publicada em 9 de fevereiro com o título “Sem-terra se afastam de áreas de brasileiros”, assinada de São Paulo, informa que os campesinos saíram das terras particulares invadidas e ocuparam terras da União, antes que fosse cumprida a ordem de

reintegração de posse. É usada ainda uma entrevista que o advogado Guillermo Duarte, que defende os interesses do fazendeiro Tranquilo Favero, concedeu a uma rádio. O advogado critica o ministro do Interior Paraguuaio da época, Carlos Filizzola, e afirma que foi feita uma nova invasão, pois as terras para onde os camponeses se mudaram não seriam públicas.

No dia 16 de fevereiro, uma chamada foi publicada na capa do caderno Mundo convidando os leitores a acessarem o site para ler a notícia: “‘Brasiguai’ rei da soja é declarado persona non-grata no Paraguai”. Nada foi publicado na versão impressa.

No dia 18 de fevereiro, o jornal traz a notícia “Missão de senadores vai ao Paraguai para defender brasileiros”, assinada de São Paulo. O texto não informa quais senadores vão fazer a viagem, marcada para o mês seguinte, porém diz que entre eles está Sérgio de Souza (PMDB-PR). O político afirma que vai defender os brasileiros e seus filhos no Paraguai. O jornal reproduz as frases, se alertar o leitor que o Paraguai também tem sua soberania.

No dia 20 de fevereiro, a notícia “Sem-terra do Paraguai divergem sobre ação contra brasileiros” faz acusações a camponeses e afirma que os grupos só concordam em relação à ideia de que os brasileiros usurparam terras paraguaias e sobre a defesa da reforma agrária. Fica subentendida a ideia de que nem os próprios camponeses concordam entre si e podem estar agindo por interesses próprios ou manipulados por partidos.

Conforme Morin (2000, p.93), a comunicação não traz por si mesma a compreensão. A informação, por mais bem transmitida e compreendida, pode até garantir o entendimento dos fatos, mas não é suficiente para a compreensão. “A compreensão humana vai além da explicação. A explicação é bastante para a compreensão intelectual ou objetiva das coisas anônimas ou materiais. É insuficiente para a compreensão humana.” (MORIN, 2000, p. 95)

Para Verón (1974, p. 13), é importante a consciência de que o material da mídia, e que neste caso constitui o *corpus* da pesquisa, normalmente é produzido pela elite, ainda quando são direcionados à classe trabalhadora. O autor ressalta que os veículos de comunicação de massa, na grande maioria, pertencem às classes dominantes. Por maiores que sejam as diferenças, são variações de um discurso de elites. É muito pouco provável que a própria classe operária (ou camponesa) tenha espaço para se expressar com real liberdade nesses veículos de grande circulação, mesmo naqueles direcionados a ela, pois quem definitivamente controla a mídia são setores da classe dominante.

Considerações Finais

A cobertura da Folha de S. Paulo dos meses que antecederam a queda do presidente Fernando Lugo apresenta os fazendeiros como vítimas das invasões campesinas. São retratados como empreendedores que deixaram a terra natal em busca de melhores condições de vida, conseguiram comprar terras e produzir, mas hoje são alvo de perseguições do governo e dos sem-terra. Não é considerada a complexidade das relações sob os pontos de vista social, cultural, político e econômico, entre outros.

Os brasileiros no Paraguai constroem uma imagem de si mesmos como civilizados, trabalhadores e honestos frente aos paraguaios, tidos como preguiçosos, inferiores, não confiáveis e atrasados. Sem uma abordagem crítica que esclareça as origens históricas da força da presença brasileira e o processo de ocupação das terras no Paraguai, a mídia continuará ecoando um viés maniqueísta, apontando os bons e os maus, nas coberturas jornalísticas do assunto.

Os profissionais precisam estar conscientes da influência cultural que sofrem justamente por serem brasileiros, mantendo-se atentos para não produzir conteúdo parcial e incoerente com os verdadeiros anseios e propósitos do jornalismo. O número cada vez mais reduzido de profissionais nas redações e o acúmulo de funções por parte dos jornalistas contribuem certamente para a superficialidade das reportagens sobre o tema investigado. Poucos jornalistas que precisam escrever sobre o problema agrário no Paraguai conseguem tempo para entender a origem histórica da dominação brasileira no país vizinho, ouvir especialistas que abordem visões distintas sobre os fatos e escolher personagens com perfis diferentes, que mostrem a complexidade das relações na região de fronteira. Para trazer a real dimensão do problema, os textos deveriam buscar uma abordagem profunda e imparcial, menos preocupada em apontar culpados ou eleger inocentes.

O poderio econômico levado pelos brasiguaios é considerado pelo ponto de vista do povo brasileiro como um fator positivo, entretanto, impôs às populações campesinas toda sorte de humilhações, como ver suas terras servindo de fonte de riqueza para outros povos, a impotência de permanecer em seu local de origem, o estigma de serem consideradas inferiores, entre outros aspectos que deveriam ser relevados pela imprensa.

Falta aos jornalistas de modo geral esquecer a influência cultural e o estereótipo negativo que nós próprios criamos sobre o Paraguai e se colocar no lugar do outro, enxergar esse outro como igual, assumindo uma postura compreensiva e menos reducionista. Também falta compreender a cultura campesina, que não encontra similar no Brasil, e se baseia em uma exploração diferente da terra e dos recursos naturais. Além dos objetivos

econômicos, pois dela sobrevivem, há também outros aspectos ligados à terra até mais importantes para essas populações, como o social e o cultural.

Ao qualificar os brasileiros como responsáveis pelo crescimento da economia, não se mencionou que o Paraguai é um dos países mais pobres da América do Sul. Mesmo com números positivos em relação à exportação de commodities, a distribuição de renda não existe no país e a riqueza fica concentrada somente nas mãos dos grandes proprietários.

A pauta das reportagens fica presa puramente aos conflitos. As coberturas são passivas diante dos acontecimentos e não assumem uma postura de compreensão diante dos diversos atores que compõem a questão agrária paraguaia. Essas reportagens acabam por ignorar as ligações de causa e efeito entre eventos e situações aparentemente diferentes, mas que possuem múltiplas conexões nos planos individual, coletivo, nacional e internacional. Desse modo, as reportagens deixam de cumprir a missão de verdadeiramente auxiliar o público a compreender de forma ampla o que acontece no mundo e se limitam apenas a narrar fatos, sem buscar contextualizá-los.

Além da superficialidade, podemos notar títulos e textos sensacionalistas, carregados de preconceito contra os paraguaios. A complexidade da realidade da questão agrária é reduzida a versões ingênuas e visões maniqueístas, de brasileiros trabalhadores, do bem, que levam o progresso, e de camponeses paraguaios, do mal, que fazem arruaça e querem a propriedade privada. Sem contar ainda a forma arrogante e estereotipada com que os paraguaios são tratados. Fica evidente ainda que, nas reportagens, não houve profundidade na busca por fontes e por personagens variados que pudessem falar de diferentes aspectos da questão, observar a realidade de quem vive na fronteira do Paraguai com o Brasil e relacionar-se com as pessoas envolvidas no problema.

A questão agrária no Paraguai não pode ser vista isoladamente, pois ela é apenas uma faceta de um problema muito mais profundo, que para ser compreendido deve ser globalizado e ter as causas relacionadas com as questões políticas, econômicas e sociais.

Referências bibliográficas

ALCARAZ, José Nicolas Morinigo. **Auge de la producción rural y crisis campesina**. Asunción: Fondo Nacional de la Cultura y las Artes, 2009.

LAINO, Domingo. **Paraguai: fronteiras e penetração brasileira**. São Paulo: Global Editora, 1979.

LIPPMANN, Walter. **Estereótipos**. STEINBERG, Charles (org.) Meios de Comunicação de Massa. São Paulo: Cutrix, 1972. Pag. 149-159

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

VERON, Eliseo. Comunicación de masas y producción de ideología: acerca de la constitución del discurso burgués en la prensa semanal. **Revista Latinoamericana de Sociología N° 1**, Instituto Di Tella, Ed. Paidós, págs. 9-42. Buenos Aires, 1974

VERON, Eliseo. **Fragments de un tejido**. Buenos Aires: Gedisa Editorial. 2004

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus Editorial, 1986

Documentos:

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. **Tabela de Estimativas de Brasileiros no Mundo 2014**. Disponível em: < <http://www.brasileirosnomundo.itamaraty.gov.br/a-comunidade/estimativas-populacionais-das-comunidades/estimativas-populacionais-brasileiras-mundo-2014/Estimativas-RCN2014.pdf> >. Acesso em 28 abr.2016.

BRASIL. LEI N° 6.634: Dispõe sobre a Faixa de Fronteira, altera o Decreto-lei n° 1.135, de 3 de dezembro de 1970, e dá outras providências. Brasília, 2 mai. 1979.

CÂMARA PARAGUAYA DE EXPORTADORES Y COMERCIALIZADORES DE CEREALES Y OLEAGINOSAS. **Estadísticas: Principales Exportadores Mundiales de Soja**. Disponível em <<http://www.tera.com.py/capeco/index.php?id=ranking-mundial>>. Acesso em 30 abr. 2016.

PARAGUAY. Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos. **Principales Resultados de Pobreza y Distribución del Ingreso**. Disponível em <http://www.dgeec.gov.py/register/bases%20EPH2014/Boletin_de_pobreza_2014.pdf >. Acesso em 26 abr. 2016

PARAGUAY. **Libelo acusatório. Resolución H. Cámara de Diputados. N° 1431/2012**. Disponível em: <<http://www.apublica.org/wp-content/uploads/2012/11/Libelo-Acusatorio.pdf>> Acesso em 27 abr. 2016.

PARAGUAY. LEY N° 2532: que establece la zona de seguridad fronteriza de la Republica del Paraguay. Poder Legislativo. Asunción. 9 dez. 2004.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. Foreign Agricultural Service. April 2016. **Oilseeds: World Markets and Trade**. Disponível em <<https://apps.fas.usda.gov/psdonline/circulars/oilseeds.pdf>> Acesso em 30 abr. 2016.

Jornais:

CIRCULAÇÃO. **Folha de S.Paulo**. Institucional. Acessado em 08 de maio de 2016, disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/institucional/circulacao.shtml>

CAPRIGLIONE. Laura. Brasileiro faz fortuna e má-fama no Paraguai. **Folha de S.Paulo**, Assunção, p.A19, 5 fev. 2012

CAPRIGLIONE. Laura. Sem-terra esperam benção do presidente. **Folha de S.Paulo**, Ñacunday, p.A19, 5 fev. 2012

CAPRIGLIONE. Laura. Sem-terra no Paraguai reúnem-se para retomar áreas de brasileiros. **Folha de S.Paulo**, Ciudad del Este, p. A13, 31 jan.2012

CAPRIGLIONE. Laura. Sem-terra paraguaios ameaçam invasão hoje. **Folha de S.Paulo**, Ciudad del Este, p. A11, 3 fev. 2012

CAPRIGLIONE. Laura. Terra Sem Lei. **Folha de S.Paulo**, Ciudad del Este, p. A10, 1º fev.2012

FLECK, Isabel. Planalto intervém para pedir segurança de brasileiros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A10, 1º fev. 2012

FLECK, Isabel. Sem-terra do Paraguai divergem sobre ação contra brasileiros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A9, 20 fev. 2012

LUGO rejeita "justiça pelas próprias mãos" em conflito. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A16, 7 fev. 2012

MISSÃO de Senadores vai ao Paraguai para defender brasileiros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A11, 18 fev. 2012

SEM-TERRA do Paraguai ameaçam brasileiros. **Folha de S.Paulo**, Brasília, p. A11, 27 jan. 2012

SEM-TERRA se afastam de áreas de brasileiros. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. A14, 9 fev. 2012